

JNT - FACIT BUSINESS AND TECHNOLOGY JOURNAL ISSN: 2526-4281 - QUALIS B1



**COMO ESTRELAS NA TERRA:
UMA NOVA PERSPECTIVA SOBRE A
RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO**

**AS STARS ON THE EARTH:
A NEW PERSPECTIVE ON TEACHER
STUDENT RELATIONSHIP**

Emily Cristina Lacerda SILVA
Faculdade Católica Dom Orione (FCDO)
E-mail: emilycristinasilva@catolicaorione.edu.br

Ana Letícia Guedes PEREIRA
Faculdade Católica Dom Orione (FCDO)
E-mail: ana@catolicaorione.edu.br



RESUMO

O presente artigo conta um pouco da história de Ishaan, um garoto diagnosticado com dislexia que apresenta grandes dificuldades no desenvolvimento de atividades acadêmicas e com isso, um baixo desempenho escolar. Este artigo trata de uma análise de filme, na qual foi utilizada uma metodologia qualitativa-exploratória, em que foram feitos recortes de algumas cenas principais e associadas à literatura correlata ao tema, de modo que, foi realizada uma comparação entre um modelo de ensino clássico e modelos de metodologia ativa de ensino, ilustradas no filme por um professor novato de Ishaan. O objetivo desta análise consiste em compreender melhor a relação professor-aluno e destacar quais técnicas auxiliaram Ishaan a melhorar as habilidades acadêmicas e como isso ocorreu, para que assim seja possível auxiliar crianças com dificuldades de aprendizagem, a partir de uma nova perspectiva sobre o processo de ensino-aprendizagem.

Palavras-chave: Professor. Aluno. Ensino. Aprendizagem.

ABSTRACT

The present article tells a brief story about Ishaan, a young boy diagnosed with dyslexia who has significant difficult developing academic activities and, as a result, performs poorly in school. This is a movie analysis in which short clips of key scenes were extracted and correlated with the theme literature. A qualitative exploratory methodology was used, and a comparison was conducted between traditional teaching and active and engaged teaching approaches, as pictured in the movie by Ishaan's novice teacher. The purpose is to understand the teacher-student engagement and to emphasize with strategies assisted Ishaan towards improving academic compatibilities. Furthermore, children with learning disorders can be easily cared from a new perspective on the teaching-learning process.

Keywords: Teacher. Student. Teaching. Learning.

INTRODUÇÃO

O longa-metragem Como Estrelas na Terra, é um filme bollywoodiano do ano de 2007, produzido na Índia e dirigido por Aamir Khan, intitulado originalmente como Taare

Zameen Par. Este é um filme de gênero infantil e comédia dramática que conta a história de Ishaan, personagem protagonista do enredo e destaque desta análise.

Ishaan Awasthi é uma criança de nove anos de idade que vive na Índia com os pais e com o irmão mais velho. Ele estuda em uma escola de ensino tradicional, porém o rendimento escolar dele é muito baixo devido à presença de um transtorno de aprendizagem que no caso é a dislexia, que por muito tempo não foi descoberta pelos professores. O garotinho sempre sofre punições por tirar notas baixas ou por não fazer o que lhe é solicitado pelos professores. Ele é muito criativo e adora fazer desenhos e pinturas. A imaginação dele é muito aguçada e vive sendo chamado atenção por estar um pouco desatento.

Ishaan em dados momentos é um pouco atrapalhado, se envolve em algumas brigas com os colegas e é alvo de piadinhas por eles, principalmente quando erra as questões em sala de aula. Após muitos problemas na escola, Nandkishore pai de Ishaan, resolve colocá-lo em um internato, a fim de que o garoto melhore o rendimento e mude a postura “arredia”. De modo semelhante à escola anterior, Ishaan continua a ter os mesmos problemas, porém, desta vez regride ainda mais, isolando-se dos colegas. A história deste aluno muda completamente no dia em que Nikumbh, um professor de artes temporário da instituição, consegue acolhê-lo e compreendê-lo e só então, Ishaan começa a evoluir no desempenho acadêmico e biopsicossocial.

Tomando como base a história deste garoto, esta pesquisa obterá um enfoque especial na relação professor-aluno e na importância desta para o desenvolvimento acadêmico de crianças com dificuldades de aprendizagem. Somado a isso, serão apontados autores como Piaget e Vygotsky que enfatizam muito o papel do educador a partir de uma perspectiva construtivista do ensino-aprendizagem.

Para Vygotsky é relevante que o docente leve em consideração a experiência que o aluno já apresenta em detrimento daquilo que ele ainda não aprendeu, uma vez que, ignorar estes conhecimentos prévios faz com que o professor veja a criança como uma “tábula rasa”, ou seja, como um papel em branco que será preenchido à medida que o conteúdo lhe for inculcado (COSTA *et al*, 2019).

De modo semelhante ao que se passa com Ishaan, os educadores anteriores a Nikumbh, não levaram em conta o que este garoto sabia até então, que no caso ainda era bem pouco, pois Ishaan aos nove anos de idade, ainda não sabia ler e nem escrever e

mesmo assim, os professores não se atentaram em buscar compreender o motivo das dificuldades dele, insistindo apenas em “corrigi-lo” com castigos disciplinares.

Um olhar passivo para o aluno desconsidera a possibilidade de haver diferenças de ritmos de aprendizagem entre as crianças (COSTA *et al*, 2019), ainda que sejam da mesma faixa etária e foi este tipo de olhar homogeneizante, que colaborou para a regressão de Ishaan.

Segundo Costa *et al* (2019), Vygotsky apresenta uma concepção dinâmica e flexível de ensino-aprendizagem, na qual é fundamental que ocorra uma interação entre professor, aluno e ambiente escolar, considerando as especificidades de cada processo, o que confere à criança um aspecto ativo na educação. Para esta autora, essa visão ativa sobre o aluno se assemelha à perspectiva de Paulo Freire, que prezava pela autonomia do educando, alcançada através da capacidade do mesmo de tomar consciência de si e do mundo por meio do uso da palavra.

Nikumbh, professor de Ishaan, seguia esta linha de pensamento, na qual dava liberdade ao menino, tanto ao tempo que ele tinha para aprender, quanto ao formato, ou ainda, o fazendo perceber-se como alguém importante. O educador promovia a autonomia do garoto deixando que ele mesmo criasse os próprios objetos e desenhos durante as aulas, sem impor-lhe nada.

O psicólogo suíço Jean Piaget, também apresenta uma perspectiva ativa e interacionista sobre o processo de ensino-aprendizagem, porém leva também em consideração a maturação biológica da criança para exercer as atividades. Para ele, não é apenas a exposição passiva de conteúdos pelo educador que permite a aprendizagem, mas o desenvolvimento também depende de um processo interno referente ao desenvolvimento do aluno, denominado equilíbrio (COSTA *et al*, 2019).

Sob este viés, Nikumbh percebia também em Ishaan, a necessidade de desenvolver ainda outros aspectos que não se referiam apenas aos intelectuais, mas que diziam sobre maturação psicomotora e preparação para um convívio social melhor ao aprender a lidar com as próprias limitações que influenciariam na aprendizagem dele. Na perspectiva construtivista, preza-se pela flexibilização e o professor é responsável por promover uma organização espacial que facilite a interação social do aluno, fortalecendo o contato visual e contato com o ambiente, por isso, escolas que não apresentam outra opção que não seja a disciplina rígida, em geral, não compartilham deste importante viés para o desenvolvimento cognitivo das crianças (COSTA *et al*, 2019).

Seguindo este modelo interacionista, o professor Nikumbh tenta adaptar o ambiente escolar às necessidades de Ishaan e não o contrário. Ele leva as crianças para fora da sala de aula e ali as deixa saírem das fileiras tradicionais das salas permitindo que elas tenham interação direta com o ambiente e entre si, não exigindo também aquele “silêncio” disciplinar como os demais educadores.

As contribuições teóricas de Vygotsky ressaltam a importância da criança desenvolver-se através da mediação de uma pessoa mais experiente, que no ambiente escolar traduz-se no papel do professor, uma vez que essa mediação pode estimular áreas ainda em maturação, denominadas por ele de zona de desenvolvimento proximal (MORAES, 2018).

Ainda segundo Moraes (2018) as teorias de Piaget e Vygotsky indicam ao educador que sempre que este exigir do educando habilidades que vão para além do que a estrutura cognitiva dele esteja preparada, não será possível obter êxito no processo de ensino-aprendizagem, o que frequentemente ocorria com Ishaan. Não havia como ele realizar as atividades propostas pelos professores, já que não tinha repertório suficiente para cumpri-las.

Moraes (2018) defende que problemas de aprendizagem algumas vezes podem ser reforçados por uma metodologia pedagógica que não considere importante ou até mesmo que não conheça este viés desenvolvimentista. Como resultado disso, tornam-se frequentes as notas baixas nas provas, falta de interesse por exercícios escolares e a presença de baixa autoestima; todos estes aspectos foram notados em Ishaan.

Refletir sobre o fato de haver muitas crianças com dificuldades semelhantes às de Ishaan Awasthi que encontram diversos empecilhos na vida escolar por não serem compreendidas pelo corpo docente em suas especificidades, foi o que incentivou a escolha deste tema. A partir disso, torna-se possível compreender a relevância social desta escolha, uma vez que, sentindo-se seguro e acolhido, é mais fácil para o aluno trilhar os caminhos da vida acadêmica. Todos estes aspectos podem ser bem explorados pela psicologia enquanto ciência das faculdades humanas que auxilia o sujeito a compreender-se como um ser único e a praticar empatia a fim de identificar limitações, angústias, medos e habilidades na relação com o outro.

Diante dessas configurações é possível estabelecer como objetivo geral desta pesquisa ampliar a compreensão sobre a relação professor-aluno diante da presença de dificuldades de aprendizagem, para suscitar a reflexão do quanto essa relação pode

influenciar no crescimento do aluno. Já os objetivos específicos que se pretendem alcançar, consistem em analisar quais estratégias o professor Nikumbh utilizou para auxiliar Ishaan e de que modo elas o ajudaram, para que se torne possível auxiliar crianças que se assemelham a este personagem.

METODOLOGIA

A metodologia científica utilizada nesta pesquisa é de abordagem qualitativa - exploratória. Nesta abordagem segundo Gerhardt e Silveira (2009), a quantificação de dados não é primordial, uma vez que aspectos simbólicos nem sempre serão mensuráveis; nela o foco é voltado para o entendimento do modo como são produzidas as relações sociais descrevendo-as, compreendendo-as e explicando-as.

Segundo Gil (2008) uma abordagem com objetivos exploratórios enuncia, explica e faz modificações de ideias, além disso, esta não é uma metodologia rígida de padrão único. É comum nesse tipo de pesquisa serem realizados levantamento bibliográfico ou documental, entrevistas não padronizadas e estudos de caso; geralmente opta-se por pesquisas deste tipo, quando um tema ainda não foi muito estudado ou quando não há como precisar hipóteses definitivas sobre o mesmo (GIL, 2008).

A metodologia deste artigo inclui, portanto, o recorte de cinco cenas do filme em que há interação entre os personagens escolhidos para a análise, podendo incluir eventualmente os professores anteriores de Ishaan, além do professor novato. Tais cenas serão descritas com as falas dos personagens na íntegra e a partir destes recortes, serão feitas as amarrações das cenas com a literatura de base no desenrolar da análise.

O critério de seleção para as dezessete referências datadas até o ano de 2018 utilizadas na produção deste artigo, é o de que todas se correlacionam a conteúdos de processos que envolvem ensino e aprendizagem, baseando-se em autores como: Vygotsky, Piaget e Paulo Freire, de modo que seja possível realizar uma comparação entre modelos de ensino tradicionais e alternativos.

ANÁLISE DO FILME

No primeiro recorte de cena, a professora solicita a Ishaan: “Apenas leia a frase Ishaan”. Ele responde: “Elas... estão dançando” (risos dos colegas). A professora pede silêncio para a turma e pede para Ishaan repetir o que falou novamente e ele repete: “as letras estão dançando” (risos dos colegas). Ela pergunta: “Ah estão dançando?”, o garoto

faz um gesto positivo, a professora repete “então leia as letras dançarinas, engraçadinho né?” Ele começa a ler com muita dificuldade e a professora grita: “Leia em alto e bom som!”, ele continua com muita dificuldade e ela repete a mesma coisa rapidamente, por fim grita: “Leia direito!”, Ishaan então começa a fazer vários sons como se estivesse lendo rapidamente, o que provoca mais risos da turma e a professora o põe para fora da sala.

Nesta cena é possível pensar sobre a postura da professora diante do enfrentamento do problema com Ishaan. Para Vygotsky o homem vive de relações mediadas, frisando a importância da interação social, sem a qual para ele não é possível o avanço das funções mentais superiores como linguagem e pensamento (GODOY et al, 2006; SILVA, 2013). Através desse recorte é possível perceber uma lacuna na comunicação entre o aluno e a professora, uma vez que a educadora não abriu espaço para que o garoto se explicasse, apenas aplicando-lhe uma punição.

A partir disso pode-se pensar que com a interação prejudicada entre a professora e Ishaan, a aprendizagem e o desenvolvimento das funções psíquicas do mesmo, tornam-se deficitários partindo de um viés Vygotskyano.

No lugar de gritar com o garoto e insistir para ele ler, a professora poderia ter perguntado: “como assim as letras estão dançando?”, para compreender melhor o comportamento dele que aos olhos da educadora era mera indisciplina.

Segundo Godoy *et al* (2006), tanto a indisciplina quanto a disciplina em contexto escolar, devem ser compreendidas como resultado de um contexto específico no qual se encontra o aluno e como um recurso que ele utiliza para se relacionar socialmente. Nesta mesma cena é possível perceber que Ishaan apenas “enfrenta” a professora após muita insistência da mesma para que ele fizesse a leitura.

Então, nota-se que a atitude dele foi uma resposta à educadora quando esta lhe exige algo que naquele momento ele não conseguia fazer e que inclusive o fazia virar “piada” diante dos colegas que riam dele como em muitos outros momentos. É importante ressaltar que o papel do educador na perspectiva de Vygotsky é o de facilitador, ou seja, ele apresenta a funcionalidade de um “instrumento” que media o conhecimento para o aluno e incentiva a troca na relação ensino-aprendizagem (SILVA, 2013) o que não ocorre nesta cena.

Em um momento posterior, após pedir a um dos alunos para realizar a leitura de um poema, o professor se dirige a Ishaan: “agora explique o significado do poema”, seguido da resposta: “Bem eu acho que...o que não vemos não sentimos, mas às vezes... o que vemos

na verdade não é. E... o que não vemos... na verdade é. Quero dizer...”. Então o professor o interrompe dizendo: “O que são todos esses “é”? Não é...?” (risos da turma). Logo em seguida o professor diz: “Minu Patel explique”. O colega dá então uma resposta que agrada ao professor e Ishaan é consolado por outro amigo que o diz: “você explicou o verdadeiro significado do poema. Os outros apenas repetem o que ele diz”.

Neste recorte de cena é possível levantar uma reflexão sobre qual é a concepção do professor de Ishaan de como se dá o conhecimento. Nota-se que ele se baseia em uma concepção empirista de aprendizagem. O postulado empirista carrega consigo a ideia de que apenas o professor detém o conhecimento e que o aluno é apenas um receptor de informações que serão armazenadas passivamente através da memória associativa do mesmo, de modo que, quando for preciso, o aluno apenas “recupera” essas memórias (DARSIE, 1999).

Através desta cena é possível analisar que não faz sentido que o professor de Ishaan o peça para explicar o significado do poema uma vez que, a resposta pessoal do garoto não foi aceita. Na verdade, o que o educador queria era que o aluno respondesse com as mesmas palavras dele ou do material didático o “significado correto”.

A isso Darsie (1999) designa aprendizagem repetitiva, na qual o conhecimento dirigido ao aluno já está em sua forma final, está posto e não inclui a possibilidade de alteração. Deste modo, o verdadeiro significado do conteúdo ou a compreensão do mesmo para o aluno não é relevante, o importante é que ele apenas reproduza fielmente o que lhe foi “ensinado” sempre que for necessário. Segundo esta mesma autora, este se tornou um dos modelos mais comuns de ensino-aprendizagem, porém um dos mais criticados.

Neste tipo de aprendizagem o professor é o papel central e ocorre uma internalização do conhecimento pelo educando. Tal conhecimento é captado do meio externo e se dirige ao meio interno por meio dos sentidos, ou seja, é apenas uma informação sensorial. Assim, este é um modelo que não condiz com uma aprendizagem complexa, pelo contrário, as informações dispersas são cumulativas e apenas organizadas pelo educador (DARSIE, 1999).

É importante salientar que nesta cena, assim como na anteriormente descrita, o educador que adere ao modelo empirista acaba influenciando novamente o reforço da estigmatização do garoto como alguém que “não faz nada direito”, pedindo ao colega Minu (visto como um “aluno ideal”) para explicar, pois sempre que Ishaan é chamado a atenção por estar “errando”, são provocados risos na turma.

Mais uma vez a comunicação entre aluno e professor mostra-se ineficaz, uma vez que o professor também o interrompe sem permitir que o garoto conclua o pensamento e sem ajudá-lo a organizar as ideias, visto que foi perceptível a dificuldade de Ishaan em expressar-se, indicando a presença de lacunas em uma relação que deveria ser de apoio.

No terceiro recorte de cena o professor de artes solicita: “crianças, abram o caderno de desenho e peguem seus lápis. Sem régua, copiem as figuras. As linhas devem estar perfeitamente retas ou levarão cinco palmatórias”.

Neste momento, Ishaan estava distraído olhando para a janela, quando o professor faz um ponto de giz no quadro e em seguida arremessa um pedaço do giz na cabeça do garoto, perguntando-lhe: “ei novato, olhe a lousa e nos diga...onde fiz o ponto? Mostre-nos o ponto. Por que fica me olhando com esses olhos de sapo? (risos da turma). Onde fiz o ponto? Mostre-nos”. Ishaan diz: “não consigo vê-lo”. O professor insiste: “não consegue?” O garoto faz um gesto negativo com a cabeça. O professor solicita a outro aluno que mostre onde está o ponto, ele acerta e Ishaan leva as cinco palmatórias.

A partir desse recorte é possível correlacionar a história de Ishaan com a realidade da história da educação brasileira destacando o período do Brasil imperial, época em que surge a pedagogia lancasteriana que segundo Júnior (2010) foi marcada por uma rígida disciplina que se assemelhava ao militarismo e ao modelo de disciplina usado nas fábricas da revolução industrial.

Esta disciplina continuou abrindo espaço para a produção do sadismo pedagógico. Este fato é corroborado pela lei de 15 de outubro de 1827 em que se institui que [...] “os castigos serão os praticados pelo método de Lancaster” (BRASIL, lei de 15 de outubro de 1827, p. 73).

A literatura aponta que as punições físicas em escolas primárias no século XIX faziam parte do currículo educacional. Diversos documentos que tornavam legal o ato de punir fisicamente e moralmente os alunos foram encontrados, como decretos, regimentos e relatórios produzidos por comissões de inspeção da corte, dentre outros órgãos.

A exemplo destes documentos tem-se: o regulamento de 25 de setembro de 1846, pertencente à Província de São Paulo que tornava legítimo e necessário o uso de palmatória; além deste, outros regulamentos permitiam a imposição de castigos que incluíam repreensão, vexame, a possibilidade de admoestar ou até mesmo expulsão do aluno (CASTANHA, 2009).

Esta cena mostra a reprodução de um sistema de ensino-aprendizagem baseado no autoritarismo e na punição vigentes desde épocas muito remotas nas sociedades de modo geral, porém sem qualquer garantia de efetividade na aprendizagem, como se percebe em relação a Ishaan. Pelo contrário, o garoto acaba tornando-se alvo de humilhação e se fecha em si mesmo com o passar do tempo, fato este que segundo Castanha (2009), apenas coloca o aluno em oposição ao professor, como foi explicitado na obra *O Ensino Público*, de autoria de Antônio Oliveira, que é mencionada por Castanha.

Falas do professor como “por que está me olhando com esses olhos de sapo?” dirigidas a Ishaan, fazem parte das punições vexatórias mencionadas por Castanha (2009) que detinham o intuito de impor comportamentos e valores. Os castigos morais eram validados pelo regimento interno das escolas da Corte de 1855, fato este que consta no artigo 39 deste documento respaldando que:

[...] no fim da aula do sábado à tarde, lerá o Professor em voz alta os nomes dos alunos, que durante a semana tiveram tido mal procedimento, e dos que mais se tiverem distinguido por sua aplicação e bom procedimento (BRASIL, Portaria do Ministério do Império de 1855, pp. 349-350).

A autobiografia de Francisco de Paula Ferreira de Rezende é utilizada como ilustração por Castanha (2009) sobre este contexto punitivo, na qual se pontua que a menor distração dos alunos já seria suficiente para a imposição de um castigo, que é exatamente o que ocorre com Ishaan. Ele é chamado atenção em um momento em que está distraído e como consequência leva as cinco palmatórias.

É importante também ressaltar que a educação tradicional que incluía o sistema punitivo de castigos físicos e morais fazia parte de um sistema retroalimentativo pois, na mesma medida em que os alunos eram punidos os professores também o eram, caso não aplicassem os castigos; os documentos mencionados anteriormente não apenas legalizavam a punição, como a tornavam obrigatória (CASTANHA, 2009).

Na quarta cena selecionada para esta análise, Nikumbh, o professor novato, inicia a aula dizendo aos alunos: “amigos, hoje irei contar a história... (os alunos vibram nesse momento) de um garoto. Era uma vez um garoto, não me perguntem onde... que não sabia ler ou escrever. Mesmo tentando muito, ele não conseguia lembrar que o B vem depois do A para fechar. As palavras eram suas inimigas, dançavam feito formigas, assustando-o e atormentando-o (risos da turma). Os estudos causavam terror. Mas quem compartilharia de sua dor? Seu cérebro estava cheio, nada fazia sentido no meio...o alfabeto dançava em

devaneio (risos). Certo dia, o pobre garoto falhou e nos estudos desmoronou. Todos riram em sua cara, mas sua coragem ninguém arrancara e um dia ele achou o ouro. O mundo ficou maravilhado com a teoria que ele contou. Podem adivinhar quem ele é?”. Neste momento Ishaan parece preocupado, pensando que estavam falando dele, quando de repente o professor pega uma foto e mostra para os alunos e um deles responde: “Albert Einstein”.

Nesta cena o professor novato trata Ishaan e seus colegas com uma perspectiva diferente das anteriores. Ele utiliza a técnica de contação de histórias para criar um vínculo com o garoto e ganhar-lhe a confiança utilizando uma comunicação não violenta.

Segundo Silva e Ribeiro (2017), esta técnica pode criar um ponto de identificação entre a realidade vivida pela criança e os personagens do enredo; isso pode auxiliá-la a dar significado à própria história e a solucionar conflitos internos. É comum que a contação de histórias desperte sentimentos e emoções como alegria, tristeza e medo (percebido pela expressão de Ishaan, ao se identificar com o personagem).

Vale lembrar que a forma como o professor conta a história é a peça-chave que impulsiona o potencial crítico do aluno (SILVA; RIBEIRO, 2017), o que remete mais uma vez ao modo como é conduzida a relação professor-aluno.

O modo como o professor Nikumbh conduziu a aula permite também que a educação problematizadora de Paulo Freire seja percebida nesse contexto, uma vez que este educador buscava neste modelo de educação, incluir a compreensão da realidade social que permeia o aluno (ele frisava que o não letramento induz à exclusão social), dando visibilidade àqueles que são mais vulneráveis, o que não é comum em uma educação tradicional (FARIAS, 2013).

Nesta metodologia de ensino-aprendizagem o aluno deve ser instigado a desenvolver uma consciência crítica sobre si e sobre o mundo, entendendo qual é o lugar que ocupa nesse contexto e que pode ser capaz de transformá-lo (FARIAS, 2013), exemplificado pela fala do professor: “[...] mas sua coragem ninguém arrancara e um dia ele achou o ouro. O mundo ficou maravilhado com a teoria que ele contou [...]”.

Na quinta e última cena escolhida para essa análise, o professor Nikumbh se senta ao lado de Ishaan quando estão sozinhos em uma sala e começa a ensinar para ele algumas coisas. Em uma caixa de areia o professor desenha as vogais com os dedos e Ishaan repete o mesmo, logo após, Nikumbh desenha as letras com os dedos nos braços de Ishaan que está de olhos fechados e tenta adivinhar a letra.

Além disso, Ishaan pinta as letras que está aprendendo em papel A4; ele e seu professor constroem juntos bichinhos com massa de modelar; depois ambos passam a usar a lousa para treinar a caligrafia do garoto; além de usar gravações do professor para serem ouvidas em outros momentos, fazem leitura em voz alta; utilizam jogos de computador e brincadeiras em ambiente aberto para aprender contas como subtração, soma etc.

A literatura que embasa este artigo aponta que as técnicas utilizadas pelo professor de artes referem-se à metodologia de ensino-aprendizagem multissensorial, ideal para ser utilizada com crianças diagnosticadas com dislexia. Neste método são utilizadas várias estratégias sensoriais que auxiliam na recepção e processamento das informações, através dos órgãos dos sentidos (OLIVEIRA, 2018).

Segundo Selikowitz (2010 *apud* OLIVEIRA, 2018), a metodologia sensorial utiliza técnicas V-A-C-T (visual-auditivo-cinestésico-tátil), o que inclui atividades feitas de olhos fechados como foi feito com Ishaan, com o intuito de que o aluno perceba a letra em sua forma tridimensional. Estratégias como fazer bichinhos de massa de modelar, desenhar na caixa de areia e escutar gravações, que foram realizadas com Ishaan, referem-se ao que Oliveira (2018, p.86) denomina de

[...] modelagem com plasticina, reconhecimento das letras pelo tato [...] onde interveem os diferentes tipos de memória (memória visual, auditiva, fonoarticulatória, tátil, grafomotora e rítmica, criando imagens sociais, auditivas, cinestésicas, tácteis e articulatórias).

Segundo Mazô-Darné (2006) tais técnicas são benéficas para alunos com dislexia por fortalecerem processos mnemônicos, uma vez que, de modo geral, crianças com esse transtorno apresentam dificuldade de memorização. Deste modo, segundo esta mesma autora, quando a criança é estimulada por várias vias sensoriais a carga cognitiva apresenta um arranjo mais equilibrado, exigindo menos da criança e fortalecendo a memória de curto e longo prazo, tornando a aprendizagem mais efetiva.

A partir disso, comparando com os modelos tradicionais de educação, é possível analisar que os educadores não exploram o real potencial do aluno, visto que de acordo com Oliveira (2018) a educação tradicional é predominantemente unissensorial.

A pedido do professor Nikumbh, Ishaan pinta as letras em papel A4, esta técnica não poderia ficar de fora, pois além de fazer parte da metodologia multissensorial, ela diz respeito a algo que Ishaan gosta de fazer, que é a pintura. A relevância disso está no fato de que a memória de longo prazo e conseqüentemente a aprendizagem, estão intrinsecamente relacionadas às emoções, uma vez que o sistema límbico que é relativo ao controle das

emoções dos seres humanos, também tem ligações com os processos de memória (SARMIENTO *et al*, 2007).

Sobre este tema, Pergher *et al* (2008) pontua que quando um indivíduo se encontra em estado de humor alegre, ele memoriza mais facilmente, por isso mesmo justifica-se o famoso “branco” na hora de atividades avaliativas, pois os alunos se encontram de modo geral em um estado de humor de “tensão”, por isso a dificuldade de recuperar as lembranças. Dito isso, quando Ishaan estuda fazendo coisas que gosta, ele se mantém em um estado de humor alegre e assim memoriza melhor e aprende mais facilmente.

Ao fim desta análise é interessante ressaltar que além de todas as técnicas que foram mencionadas nos parágrafos anteriores, a própria musicalidade do filme ajuda na expressão dos conteúdos que desejam ser transmitidos ao espectador.

As cenas do professor Nikumbh entrando na sala de aula cantando e dançando, fazem deste um filme especial e contagiante. É relevante notar que as letras de todas as músicas que compõem o longa-metragem, contam a história de Ishaan, mostrando-se também como um recurso inovador, assim como aqueles utilizados pelo professor.

Outro aspecto marcante é a representação intensa da cultura Indiana, que proporciona ao filme uma identidade própria, e que também estabelece relação com a mensagem do mesmo, de que cada criança tem personalidade e modo de funcionamento próprios, que devem ser instigados por uma relação mais próxima entre aluno e professor, que sendo acrescida de empatia pode agregar aprendizagem para ambos.

118

CONCLUSÃO

A partir da análise deste filme é possível concluir que é imprescindível compreender a relação professor-aluno para auxiliar crianças com dificuldades de aprendizagem. Na história de Ishaan nota-se que a partir do momento em que o professor Nikumbh começa a auxiliá-lo, o garoto tem o desenvolvimento biopsicossocial impulsionado, de modo oposto ao que ocorria com os professores adeptos apenas a modelos empiristas de aprendizagem, com os quais Ishaan se mostrava retraído e estagnado no processo de aprendizagem.

As técnicas utilizadas pelo professor novato possibilitam ao garotinho a estimulação de várias áreas sensoriais antes desestimuladas. Desse modo, Nikumbh consegue explorar o verdadeiro potencial de Ishaan, a partir do momento em que começa a

se inserir no contexto do educando para compreendê-lo melhor, ampliando as possibilidades de modos pelos quais Ishaan pode aprender.

A contação de histórias, a utilização de jogos, massa de modelar, pintura, dentre outras técnicas, auxiliam em algumas dificuldades comuns em crianças com dislexia, como a dificuldade de memorização ou ainda algumas habilidades motoras que não se desenvolveram muito bem. Como consequência da melhora nesses quesitos, Ishaan também fortaleceu as próprias habilidades sociais.

Por fim, a produção deste artigo permite compreender que para ajudar crianças com déficits de aprendizagem, é muito importante que na relação professor-aluno, o educador demonstre interesse em compreender a realidade do educando para que possam juntos estabelecer os caminhos mais eficazes de aprendizagem para aquele aluno.

Este processo poderá ser facilitado à medida que o professor priorizar a utilização de metodologias de ensino que tornem o aluno ativo, sem exigir-lhe além do que ele pode alcançar e sem subestimá-lo. Vale lembrar que a própria postura solícita e empática do educador por si só, consiste em um modo de ensinar e colaborar para o crescimento do aluno.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei de 15 de outubro de 1827. Manda criar escolas de primeiras letras em todas as cidades, vilas e lugares mais populosos do Império. **Coleção das Leis do Império do Brasil de 1827 na primeira parte**. Rio de Janeiro: Tipografia Nacional, v.1, p. 71-73 1878.

BRASIL. Portaria do Ministério do Império de 20 de outubro de 1855. Aprova e Manda que se observe, para execução do parágrafo 8º do Artigo 3º do Regulamento que baixou com o Decreto n. 1331-A de 17 de fevereiro de 1854, o Regimento Interno para as Escolas Públicas de Instrução primária. **Coleção das Decisões do Governo do Império do Brasil de 1855** - Tomo XVIII. Rio de Janeiro: Tipografia Nacional, 1855.

CASTANHA, André Paulo. A prática dos castigos e prêmios na escola primária do século XIX: do legal ao real. **Revista de Educação Educere et Educare**. Cascavel, v. 4, n.8, p. 245-259, jul/dez. 2009.

COSTA, Laís Renó Stábile; MARINELO, Camila Aparecida Silva Rosa; PACHECO, Márcia Maria Dias Reis; CUSTÓDIO, Simone Guimarães; SANTOS, Giovanna Velloso dos O papel do professor na aprendizagem da criança: uma discussão a partir das compreensões de Vygotsky e Piaget. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**. v. 07, ano 04, p. 18-26, jan. 2019.

DARSIE, Marta Maria Pontin. Perspectivas epistemológicas e suas implicações no processo de ensino e de aprendizagem. **Revista Uniciências**, Cuiabá, v.3, p.9-21. 1999.

Emily Cristina Lacerda SILVA. Ana Letícia Guedes PEREIRA. Como Estrelas na Terra: Uma Nova Perspectiva Sobre a Relação Professor-Aluno. **JNT- Facit Business and Technology Journal. QUALIS B1. 2021. Julho. Ed. 28. V. 1. Págs. 107-120. ISSN: 2526-4281 <http://revistas.faculdefacit.edu.br>. E-mail: jnt@faculdefacit.edu.br.**

FARIAS, Alessandra Fonseca. O método de Paulo Freire e sua atualidade no contexto educacional brasileiro. **Revista Boletim GEPEP**, v.2, n. 2, p. 40-53, jul. 2013.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (Org). **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GODOY, Célia; *et al.* A (in) disciplina escolar nas perspectivas de Piaget, Winnicott e Vygotsky. **Revista psicopedagogia**, São Paulo, v.23, n.72, p.241-247. 2006.

JÚNIOR, Amarílio Ferreira. **História da Educação Brasileira: da Colônia ao século XX**. São Carlos: Editora UFSCar, 2010. 123 p.

MAZÔ-DARNÉ, Nicole. Mémoriser grâce à nos sens. **Cahiers de l'APLIUT**, v.25, n.2, p. 28-38. 2006.

MORAES, Ana Paula Aragão de. Das provas operatórias à construção de estruturas cognitivas: Um estudo de caso em psicopedagogia. **Revista. Psicopedagogia**; v.35, n. 107, p. 242-53. 2018

OLIVEIRA, Ana Bela Ruas de. **Intervenção multissensorial numa criança com dificuldades de aprendizagem na leitura do 2.º ano**. Orientador: Prof. Doutor João Vaz. 2018. 268f. Dissertação de Mestrado em Educação Especial: Domínio Cognitivo e Motor. Escola Superior de Educação (ESEC), Instituto Politécnico de Coimbra, Coimbra, 2018.

PERGHER, Giovanni Kuckartz; OLIVEIRA, Rodrigo Grassi; ÁVILA, Luciana Moreira de; STEIN, Lilian Milnitsky. Memória, humor e emoção. **Revista Psiquiatra**, Rio Grande do Sul, v. 28, p. 61-68, jan/abr. 2006.

SARMIENTO, Edward Leonel Prada; GARRIDO, Lia Margarita Martinez; CONDE, Carlo; TOMAZ, Carlos. Emoção e Memória: inter-relações psicobiológicas. **Brasília médica**, Brasília, v. 44, p. 24-39. 2007.

SILVA, Andréia Kelly Araújo da. **Pensamento, linguagem e aprendizagem: reflexões sobre a teoria Vigotskiana e a formação docente**. In: XI Congresso Nacional de Educação: Educere, 2013, Curitiba. Curitiba, Pontífica Universidade Católica do Paraná, 2013.

SILVA, Judite Tries da; RIBEIRO, Janete Santa Maria. A importância da literatura na alfabetização. **Revista Eletrônica Científica Inovação e Tecnologia**. Medianeira, Edição Especial - Cadernos Ensino, 2017.